

II DOMINGO DA QUARESMA A
28 DE FEVEREIRO E 1 DE MARÇO DE 2026

ABRE OS TEUS OUVIDOS:



ESCUTA.

PARÓQUIAS | SENHORA DA HORA E SÃO MARTINHO DE GUIFÕES

RITOS INICIAIS

Procissão de entrada | Cântico de entrada | Saudação inicial | Monição inicial

P. No alto do Monte Santo do Tabor, Jesus oferece aos seus mais íntimos amigos, uma *visão* antecipada da sua Páscoa gloriosa. Essa é a meta, esse é o sentido último do nosso caminho quaresmal. Mas a voz de Deus Pai, no contexto desta visão, convida-nos sobretudo a escutar o Seu Filho: «*Escutai-O*». Entre os cinco sentidos, parece que Deus privilegie precisamente o ouvido, talvez por ser menos invasivo e mais discreto do que a vista” (Papa Francisco, Mensagem DMCS 2022). Na Bíblia, o sentido da audição é mais valorizado que o da visão. Por isso o mandamento que precede todos os mandamentos é o da escuta: «*Escuta, Israel*» (Dt 6,4). Valorizemos, nesta celebração, o sentido da audição, o ouvido, o silêncio, para que a nossa fé brote da escuta (Rm 10, 17) e seja resposta à Palavra de Deus, que se faz ouvir na Palavra de Seu Filho muito amado.



Diácono ou Monitor(a): [um(a) catequizando(a) do 4.º ano coloca o 2.º selo na «Chave dos Sentidos»]
Colocamos na Chave dos Sentidos o segundo selo, que evidencia o sentido do ouvido. Ele tem inscrito o apelo principal desta segunda semana da Quaresma: **“Abre os teus ouvidos. Falar menos. Ouvir mais”**.

Se houver oportunidade, pode entoar-se o Cântico:

Senhor, recebe os meus sentidos, os olhos, ouvidos e a voz. O tato, o gosto e o corpo sejam dom oferecido a Vós, sejam dom oferecido a Vós. Purificai o meu olhar, ensinaí-me a escutar. Convertei-me no caminho, para a Páscoa alcançar.
(Letra e música de Pe. Bruno Ferreira, Diocese do Porto).

Ato penitencial – forma B

Coro: Tende compaixão de nós, Senhor.

Coro e Assembleia: Porque somos pecadores.

Coro: Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia

Coro e Assembleia: E dai-nos a vossa salvação.

P. Deus todo-poderoso, tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Coro e Assembleia: Ámen.

P. Senhor, tende piedade de nós. **R.** Senhor, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós. **R.** Cristo, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós. **R.** Senhor, tende piedade de nós.

Ou

Ato Penitencial - Forma C - adaptada

P. Senhor, que destruístes a morte e fizestes brilhar a vida e a imortalidade, por meio do Evangelho, Senhor, tende piedade de nós! **R.** Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, que Vos revestistes da nossa fragilidade para nos revestir da Vossa glória, Cristo, tende piedade de nós! **R.** Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, que nos tornais participantes da Vossa filiação divina, Senhor, tende piedade de nós! **R.** Senhor, tende piedade de nós!

Oração coleta

II. LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura – leitura integral

Leitura do Livro do Génesis

Naqueles dias, o Senhor disse a Abrão:

«Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai

e vai para a terra que Eu te indicar.

Farei de ti uma grande nação e te abençoarei;

engrandecerei o teu nome

e serás uma bênção.

Abençoarei a quem te abençoar,

amaldiçoarei a quem te amaldiçoar;

por ti serão abençoadas todas as nações da terra».

Abrão partiu,

como o Senhor lhe tinha ordenado.

Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial: Salmo 32 (33), 4-5.18-19.20.22 (R. 22)

Refrão: Esperamos, Senhor, na vossa misericórdia. Repete-se

Ou:

Desça sobre nós a vossa misericórdia, porque em Vós esperamos, Senhor.

Repete-se

2.^a leitura – leitura adaptada

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo São Paulo a Timóteo

Caríssimo:

Sofre comigo pelo Evangelho,
apoiado na força de Deus.

Ele salvou-nos e chamou-nos à santidade,
não em virtude das nossas obras,
mas do seu próprio desígnio e da sua graça.

Esta graça manifestou-se agora
pelo aparecimento de Cristo Jesus,
nosso Salvador.

Ele destruiu a morte
e fez brilhar a vida e a imortalidade,
por meio do Evangelho.

Palavra do Senhor.

Aclamação ao Evangelho: **Refrão:** Glória a Vós, Senhor, Filho de Deus vivo.
Repete-se. No meio da nuvem luminosa, ouviu-se a voz do Pai: «Este é o meu
Filho muito amado: escutai-O». **Refrão**

Evangelho – leitura integral e a vozes

*Sugerimos, sobretudo nas missas com crianças, a proclamação do Evangelho a vozes.
Se houver diácono, este pode assumir a função de Narrador, deixando a voz de Jesus
para o Presidente da Celebração. Se não houver diácono, a voz do Narrador é confiada
a um leitor.*

Narrador (Diácono): Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Narrador (Diácono): Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João seu irmão, e levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou-Se diante deles: o seu rosto ficou resplandecente como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E apareceram Moisés e Elias a falar com Ele. Pedro disse a Jesus:

Leitor 1 (Pedro): Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias.

Narrador: Ainda ele falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e da nuvem uma voz dizia:

Leitor 2 (Deus Pai): Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O.

Narrador (Diácono): Ao ouvirem estas palavras, os discípulos caíram de rosto por terra e assustaram-se muito. Então Jesus aproximou-Se e, tocando-os, disse:

Presidente (Jesus): Levantai-vos e não temais.

Narrador (Diácono): Erguendo os olhos, eles não viram mais ninguém, senão Jesus. Ao descerem do monte, Jesus deu-lhes esta ordem:

Presidente (Jesus): Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos.

Diácono (ou Presidente, se não houver diácono): Palavra da salvação.

Todos: Glória a Vós, Senhor!

Nota: fazer um breve silêncio meditativo após o Evangelho.

HOMILIA NO II DOMINGO DA QUARESMA A 2026

1. “*Escutai-O*” (Mt 17,5). Este é o mandamento que recebemos hoje do Pai, cuja voz se faz ouvir no silêncio de um alto Monte. “*Escutai-O*”. Jesus é a Palavra de Deus em carne viva. Estamos, pois, perante o desafio da escuta, que exige, da nossa parte, uma afinação e uma ampliação do sentido espiritual do ouvido. Sim. O sentido que nos propomos abrir, nesta 2.^a semana da Quaresma, é o do ouvido, pois, como diz o Papa Leão XIV, na sua Mensagem para a Quaresma, “*a disponibilidade para escutar é o primeiro sinal com que se manifesta o desejo de entrar em relação com o outro*”. A escuta é condição para ouvir o grito, por vezes, silencioso do mundo que sofre; para ouvir o outro na sua alegria ou aflição; para ouvir o próprio silêncio de Deus, cuja voz discreta não faz ruído! Escutar é verdadeiramente um exercício espiritual, que nos desafia a abrir e a inclinar o ouvido do coração para o outro, que me quer falar, interpelar, entrar em relação comigo. É inclinar-se e dispor-se a acolher o outro, no que diz e no que não é capaz de me dizer. Não basta *dar ouvidos*; é preciso *inclinar o ouvido do coração*, porque a escuta não é apenas a recolha de um discurso sonoro, a decodificação de sons dispersos. Antes de tudo, escutar é inclinar-se para o outro, é estar disponível para hospedar e dar lugar ao outro, no próprio coração. Escutar é a primeira forma de amar alguém e, por isso mesmo, o mandamento ‘*Escuta, Israel*’ (Dt 6,4) está à cabeça de todos os outros preceitos.

2. Escutemos e do princípio ao fim. Quem escuta até ao fim, com empatia e simpatia, sem interromper o outro, está disponível para se deixar instruir, interpelar e transformar pelas ideias, pelas experiências, pelos pensamentos e sentimentos do outro. Ora, muitas vezes, sucede o contrário: quando alguém nos fala, nós não estamos verdadeiramente a escutar; estamos já intimamente a preparar a resposta, o contra-ataque, de tal modo que, ainda a pessoa não acabou de falar, e já temos a resposta *armada*, na ponta da língua. Mal esperamos que o outro termine, para dizermos *a verdade* ou *a razão* que julgamos possuir! Mas quem escuta, de verdade,

aceita que o outro possa ver o que eu não vejo, admite que precisa de aprender e tem muito a receber do outro. Por isso, escutar implica estar disponível para me deixar pôr em causa, para me pôr no lugar do outro, para mudar de ideias, para mudar de posição, a partir daquilo mesmo que acabo de escutar. Quando Deus Pai nos diz, a respeito de Seu Filho Amado, “*Escutai-O*”, está a dizer-nos isso mesmo: “*Acolhei-O; recebei-O; deixai que a sua Palavra vos toque, vos transforme*”.

3. Por isso, a primeira forma de hospitalidade é escutar, é ser *todo-ouvidos*. É uma bênção encontrarmos hoje uma pessoa que nos escute, sem cera nos ouvidos: sem a cera do ruído, da pressa, do preconceito, do julgamento, da superioridade. “*Vede como ouvis*”, dizia Jesus (Lc 8,18). Porque nós até ouvimos muito. *Emprenhamos pelos ouvidos*. Mas escutamos pouco e mal. Ouvimos notícias ao minuto, opiniões, comentários, notificações, que se sucedem em catadupa, a cada segundo. Vivemos isolados e cercados pelos nossos auscultadores, bombardeados de palavras agressivas, de músicas barulhentas, de ruídos estridentes, que tão depressa entram como mais depressa saem pelos ouvidos. Mas escutar é coisa bem diferente. Implica silenciar exteriormente, para acolher interiormente! Por isso, tem sentido aquela advertência sábia “*torna-te surdo e ouvirás*” (Evágrio), isto é, procura o silêncio, torna-te surdo ao ruído, às palavras loucas, às gritarias... e ouvirás o que não se faz ouvir!

4. Irmãos: para curar a nossa surdez, limpar, afinar e ampliar espiritualmente o nosso ouvido, nesta 2.^a semana da Quaresma, silenciemos um pouco mais as televisões, os rádios, os *smartphones*. Escutemos e meditemos mais a Palavra de Deus; escutemo-nos mais e melhor, em família, nos locais de trabalho, nas comunidades paroquiais. E interroguemo-nos: *Que vozes e ruídos me impedem hoje de escutar Jesus? Com quem estou ainda em dívida de escuta?* Levemos a peito este desafio muito prático, para esta 2.^a semana: “*Cada um seja pronto para ouvir e lento para falar*” (Tg 1, 19). Esta é a receita do *otorrino divino*, para a cura da nossa surdez: *Falar menos, ouvir mais!*

Credo – forma dialogada

P. Irmãos e irmãs: “A fé vem da escuta” (Rm 10,17), vem de ouvir a Palavra de Deus. O Senhor Jesus que fez ouvir os surdos e falar os mudos, nos conceda a graça de ouvir a Palavra de Deus e de professar a fé, para louvor e glória de Deus Pai.

P. Credes em Deus Pai, que vos chama a sair de vós mesmos, como a Abraão, para sairdes ao Seu encontro, na pessoa dos vossos irmãos?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, a Palavra definitiva de Deus, que revela ao mundo a graça da vossa filiação divina?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, que falou pelos profetas e vos ilumina e fortalece, para prosseguirdes juntos o caminho pascal de abertura dos sentidos, para a vossa plena transformação?

R. Sim, creio!

P. Credes na Santa Igreja, chamada a ser a alargar a sua tenda e a deslocar-se, para se tornar espaço de comunhão, lugar de participação e base da missão?

R. Sim, creio!

P. Credes na vida eterna, dom de Cristo morto e ressuscitado, que fez brilhar a vida e a imortalidade, por meio do Evangelho?

R. Sim, creio!

Oração dos Fiéis

P. Irmãos e irmãs: A Deus Pai, que sempre nos escuta, confiemos as nossas preces, por meio de Seu Filho, que destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade, por meio do Evangelho. E digamos: **R. Senhor, abri os nossos ouvidos à Palavra do Vosso Filho!**

1. Pela Santa Igreja: para que o anúncio do Evangelho e o contágio da fé brotem sempre da escuta atenta da Palavra de Deus, que Se faz ver e ouvir em Cristo. Oremos, irmãos. **R.**
2. **[Só na diocese do Porto]** Pela nossa Diocese do Porto, a caminho do Sínodo: para que se disponha a escutar Deus, até ouvir o grito do Seu Povo; e a escutar o Seu Povo, até ressoar nele a voz de Deus. Oremos. **R.**
3. Pelos que governam os povos: para que saibam escutar o grito da Terra ferida pela violência, o grito dos pobres deslocados e descartados, o grito silencioso do que não têm voz. Oremos. **R.**
4. Pelos que resistem à prática do Sacramento da Confissão: para que vençam os seus medos e preconceitos e valorizem a oportunidade de serem escutados. Oremos. **R.**
5. Por todos nós: para que inclinemos o ouvido do nosso coração à escuta do silêncio de Deus, da Palavra de Seu Filho e dos que não têm voz. **R.**

P. Senhor, que nos mandais ouvir a Palavra do Vosso Filho, abri e inclinaí para Vós, o ouvido do nosso coração. Tornai-nos prontos para ouvir e lentos para falar, disponíveis para escutar antes de responder e para compreender antes de julgar. Nós vo-lo pedimos, por Cristo, Nosso Senhor. **R. Ámen.**

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons e recolha das ofertas | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio do II Domingo da Quaresma A | Santo | Oração Eucarística II com Aclamação «*Mistério da fé, para a salvação do mundo*» | Ritos da Comunhão

RITOS FINAIS

Agenda pastoral Guifões

1. Este é o 1.º domingo do mês. Partilha com o Grupo de Ajuda Fraterna.
2. Peditório para a *Caritas Diocesana* decorre de 2 a 8 de março.
3. Segunda-feira, dia 2, às 14h30, Missa no Lar Canto de Encanto.
4. Terça-feira, dia 3, às 21h30, Adoração do Santíssimo, na Igreja da Sagrada Família;
5. Quarta-feira, dia 04, 21h30, Lectio Divina, no Salão Paroquial de Guifões.
6. Quinta-feira, dia 5, às 11h00, visita do Pároco ao *Centro de Dia do Centro Cultural e de Solidariedade de Guifões*.
7. Quinta-feira, dia 5, às 18h00, na Igreja Matriz de Guifões, confissões dos catequizandos do 6.º e 7.º anos.
8. Sexta-feira, dia 6, às 21h00, Oração na Igreja Matriz, pelo Grupo Cenáculos de Oração missionária.
9. Domingo, dia 8, às 15h30, encontro mensal do Grupo Cenáculos de Oração Missionária.
10. Está em curso, a entrega do contributo paroquial. Em 2025, 263 famílias (6,25% num total de 4024) deram o seu contributo paroquial, num valor total de 6.029, 69 €. Para a Visita Pascal a contribuição foi de 4.398,63 €. Há um total de 10,429.32 €, o que representa + 4% em relação aos valores do ano anterior.

11. É preciso criar hábitos de contribuição, também nos jovens casais e nas novas famílias. Relativamente ao ano de 2024, o Contributo paroquial em 2025.

Agenda pastoral Senhora da Hora

1. Este sábado, dia 28, Mercado das Sete Bocas organiza Venda dos *Doçalinhos*. Promove, desde já, o sorteio dos cabazes do *Dia do Pai*, no fim da missa das 11h00 de 15 de março.
2. Este é o 1.º domingo do mês. Partilha com a Conferência Vicentina.
3. Peditório para a *Caritas Diocesana*, decorre de 2 a 8 de março.
4. Terça-feira, dia 3, às 21h30, Adoração do Santíssimo, na Igreja da Sagrada Família.
5. Quarta-feira, dia 04, 21h30, Lectio Divina, no Salão Paroquial de Guifões.
6. Sexta-feira, dia 6, às 21h00, Oração na Igreja Matriz de Guifões.
7. Sexta-feira, dia 6, às 21h30, 1.º encontro dos adultos que se inscreveram no Percorso catecumenal. Ainda vão a tempo de se inscrever outros interessados.
8. Sábado, dia 7, às 10h00, Confissões para os catequizandos do 5.º B.
9. Domingo, dia 8, às 10h00, Encontro mensal do Movimento Fé e Luz.
10. Março é o mês da 1.ª tranche do contributo paroquial. É preciso criar hábitos de contribuição, também nos jovens casais e nas novas famílias. O número de famílias contribuintes tem vindo a decrescer muito significativamente.
11. Peditório para a *Caritas Diocesana*, decorre de 2 a 8 de março.

Bênção sobre o povo || Despedida

P. «*Ide e escutai*». Este é o primeiro passo, porque a fé vem da escuta!

Diácono: Ide e escutai. Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

Oração da bênção da mesa

2.º Domingo da Quaresma

01.03.2026

Senhor Jesus transfigurado:
como é bom estarmos aqui!

Como é bela a harmonia
de uma casa onde brilha
a alegria do Teu amor.

Abençoa esta mesa,
para que ela se torne
um lugar de escuta.

Senhor, fala-nos
e cura-nos a surdez.

Abre para Ti
os nossos ouvidos
e todos os sentidos.

Ámen.

TEXTOS E HOMILIAS

II QUARESMA A

HOMILIA NO 2.º DOMINGO DA QUARESMA A 2023

1. A cena da Transfiguração oferece-nos já a visão da meta do nosso caminho para a Páscoa. Um caminho de transformação, de novo nascimento, que há de fazer brilhar e vir à luz o que há de mais belo e grandioso dentro de nós: a graça da nossa filiação divina, a graça de sermos filhos de Deus, muito amados do Pai. Na verdade, quando Deus pensa em nós, não pensa apenas no que somos, mas em tudo o que poderemos chegar a ser (cf. *Christus vivit*, 289). Trata-se, portanto, de um caminho, que não é de simples mudança ou de melhoria, mas de transformação, de desenvolvimento, de crescimento, de maturação, que manifeste tudo aquilo que somos chamados a ser: filhos de Deus, revestidos da luz de Cristo!

2. Neste caminhar juntos para a Páscoa, fixemo-nos em 4 pontos de cruz e de luz:

Primeiro: Põe-te a caminho! Desde Abraão, somos um Povo peregrino, Igreja em saída. Aceitemos o convite de Jesus a deixar tudo e deixemo-nos conduzir por Ele, à parte e ao alto, rompendo com a mediocridade e as vaidades de uma vida sem altura, sem profundidade, sem fôlego espiritual. Trata-se de um caminho *em subida*, que requer esforço, sacrifício e concentração, como uma excursão na montanha. Não podemos crescer, amadurecer e frutificar tudo o que somos e temos, sem nos dispormos ao sacrifício da subida, à escalada árdua da saída de nós mesmos. Não podemos chegar à luz pascal, sem passar pela Cruz. Ora bem: a Quaresma já começou no dia 22 do passado mês. **Perguntemo-nos:** *Ainda estou no mesmo sítio?* De onde quer que estejas, deixa, parte, sai e põe-te a caminho!

Segundo: Caminha com os outros. Sigamos Jesus, juntos. Com quem? Com aqueles que o Senhor colocou ao nosso lado, como companheiros de viagem: na família, na escola, no trabalho. Nem sempre serão os mais fáceis, os mais simpáticos, os que nos entendem melhor. Mas é com estes que Deus nos convida a caminhar.

Perguntemo-nos: *Estou na companhia de Jesus e dos que Ele me confiou?* Se não estás, dá-lhes as tuas mãos! O isolamento não é boa companhia!

Terceiro: Fixa os olhos do teu coração na meta. Aquilo que nos espera no final do caminho é algo de maravilhoso e surpreendente. Chegados ao alto, gozaremos de uma experiência de transfiguração, de consolação, de luz, de paz. Sentir-nos-emos abraçados e transformados pela presença luminosa do Senhor, que nos fala ao coração, que nos faz descobrir essa admirável graça de sermos filhos de Deus!

Perguntemo-nos: *Qual é a minha meta nesta Quaresma? Quero apenas gozar de uma boa sensação? Ou quero alcançar a minha transformação? Em que ponto estou?* Fixa-te bem na meta da tua transformação pascal!

Quarto: Levanta-te. Não fiquemos nas nuvens. A experiência do encontro com Cristo não se destina a introduzir-nos numa espécie de *bolha do Paraíso*. Há pessoas que gostam de fazer experiências religiosas intensas, de transe, de isolamento, de meditação transcendental, para que ninguém as incomode. Outras refugiam-se numa religiosidade, feita de acontecimentos extraordinários, de sugestivas experiências, levadas pelo medo de encarar a realidade com as suas fadigas diárias. E, por isso, só participam em celebrações festivas ou festivais, emotivas ou sensacionais. Mas rejeitam a prática diária da oração, a prática dominical da Eucaristia. Ora, não é só para os momentos TOP da vida, que devemos rezar, celebrar e viver a fé. Não. **Perguntemo-nos:** *Estou instalado na bolha da minha satisfação individual?* Se sim, levanta-te (cf. Mt 17,7). Desce ao rés-do-chão da vida de todos os dias, com a luz e a fortaleza da vista do andar superior!

3. Irmãos e irmãs: a voz do Pai continua a sussurrar ao nosso coração: “Este é o meu Filho muito amado, no qual Me comprazo. Escutai-o” (Mt 17,6). Revestidos de Cristo, pelo Batismo, somos também os seus filhos muito queridos. Na dupla vereda desta escuta do Filho e dos irmãos, *abracemos o presente da nossa filiação divina!* Um presente em atualização permanente, sempre em transformação!

HOMILIA NO II DOMINGO DA QUARESMA A 2020

E as suas vestes tornaram-se brancas como a luz (Mt 17,2)!

1. Todos aqui renascemos. Também renascemos aqui na beleza do monte santo, onde Cristo Se **reveste** de luz. Esta é a meta do Seu caminho para nós: revestir-nos da Sua glória, da vida nova da Ressurreição. **Revestir** é aqui mais do que vestir de novo uma roupa ou então vestir uma roupa lavada. É mais do que uma roupagem exterior da moda, para fazer boa figura. **Revestir** é deixar-se vestir por dentro; é deixar vir à luz e transparecer o que há de mais belo dentro de nós. Desde o nascimento à morte, Jesus revestiu-Se da nossa Carne humana, para nos revestir da Sua glória divina. Na Transfiguração, estas “suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17,2). O branco é aqui a cor divina. E a luz é o seu vestido, conforme o dizer do Salmista: “vestiu-se de luz como de um manto” (Sl 104,2). Cristo transfigurado revela-nos assim o rosto da nossa dignidade de filhos de Deus. N’Ele vemos o rosto da nova humanidade, renascida e revestida de Cristo. É a imagem da humanidade redimida, vestida de novo, vestida não de peles (cf. Gn 3,21) ou folhas de figueira (cf. Gn 3,7), mas revestida com as vestes da salvação (cf. Is 61,10). Na luz daquelas vestes, através do Batismo, todos morremos e ressuscitamos com Cristo, todos aqui renascemos, porque todos aqui somos revestidos de Cristo!

2. Santo Ambrósio compara a veste do nosso Batismo às vestes de Cristo, na Transfiguração (cf. Sobre os mistérios, VII, 34). Por isso, o Evangelho da Transfiguração oferece-nos a possibilidade de reviver o *rito batismal da imposição da veste branca*. O Batismo é o encontro transformador da nossa vida com Cristo, que depôs as Suas vestes de glória, para que nós pudéssemos ser revestidos d’Ele. Não se trata de um revestimento exterior, pois a veste representa aqui a dignidade mais profunda de cada pessoa. O batizado reveste-se de Cristo, porque é assimilado a Cristo, na medida em que entra na comunhão íntima, vital e pessoal com o Senhor.

3. Na Igreja Antiga, tudo isto era claro, através dos sinais visíveis: aquele que ia ser batizado era mesmo despojado das suas vestes, antes de mergulhar na piscina batismal. Depois do banho de regeneração, que recria a pessoa na verdadeira santidade, os recém-batizados eram revestidos com uma veste nova, uma veste cândida, à semelhança do esplendor da vida alcançada em Cristo e no Espírito Santo. Portanto, a veste branca exprime simbolicamente o que aconteceu no Batismo e anuncia a condição dos cristãos: eles são transfigurados na glória divina. Por isso, saindo da pia batismal, os batizados voltavam-se para oriente – símbolo da luz de Cristo Ressuscitado, o novo Sol que Se levanta. A mensagem é clara: no Batismo, o próprio Deus reveste-nos com o traje de luz, com a veste da vida, com a dignidade própria dos filhos de Deus.

4. Também hoje, e para nós, no Ritual do Batismo, depois do mergulho batismal, tem lugar esta imposição da veste branca, que simboliza a nossa participação na vida divina, na glória de Cristo transfigurado, pois todos os batizados são *“revestidos de Cristo”* (cf. Gl 3,27; Rm 13,14; Cl 3,12-17). Cabe-nos, doravante, manter imaculada esta *“veste”* nupcial, até ao dia da Ressurreição (cf. Ap 3,5), em que havemos de participar no banquete celeste (cf. Mt 22,12). São bem expressivas, a este respeito, as palavras do Celebrante: *“N., filhinho(a): agora és nova criatura e estás revestido(a) de Cristo. Esta veste branca seja, para ti, símbolo da dignidade cristã. Ajudado(a) pela palavra e pelo exemplo da tua família, conserva-a sempre imaculada até à vida eterna”* (Ritual do Batismo, n.º 63)!

5. Que significa isto em concreto? Não por certo mudar de roupa e deixar ficar tudo na mesma! Significa revestir-se de sentimentos de ternura, de bondade, de humildade, mansidão, paciência e perdão. Significa, acima de tudo, revestir-se da caridade, que é o vínculo da perfeição (cf. Cl 3,12-14). É assim, revestidos de Cristo, transfigurado, morto e ressuscitado, que *todos aqui renascemos*.

Homília no II Domingo da Quaresma A 2017

“Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O” (Mt 17,15)!

1. Na cena da Transfiguração, faz-se ouvir a voz do Pai. O Pai que está nos Céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos, a conversar com eles (cf. *Dei Verbum*, 21). E deixa-nos este desafio, «escutai-O», como se nos dissesse: «acolhei-O», isto é, «recebei-O naquilo que Jesus é», «colocai-vos à escuta do seu mistério», «colocai-vos não só diante d’Ele, mas com Ele e n’Ele». Na verdade, é a escuta que nos dá o sabor da Sua presença. “Escutai-O”, portanto, pede-nos o Pai: «Escutai o meu Filho, que é o rosto humano da minha Palavra divina». Na verdade, Jesus Cristo é a Palavra definitiva do Pai.
2. Nesta segunda semana da Quaresma, este apelo paterno convida-nos à escuta da **PALAVRA**, a “tirarmos água” dessa ânfora inesgotável! Na verdade, “*a Sagrada Escritura é fonte de alegria*” (EG 5), quer para quem a escuta e pratica, quer para quem a anuncia e partilha! “*O anúncio da Palavra cria comunhão e gera a alegria. Escutando e anunciando a Palavra de Deus, queremos comunicar também a fonte da verdadeira alegria, que brota da certeza de que só Jesus tem palavras de vida eterna*” (Bento XVI, *Verbum Domini*, 123).
3. Esta semana bebamos, em abundância, desta fonte da alegria, que é a Palavra de Deus. Para isso, será preciso termos a coragem de nos desconectarmos de uma verdadeira avalanche de palavras, notícias, imagens e mensagens, que nos chegam, a cada instante, por tantos meios e por outras fontes, quantas vezes inquinadas. Tornemo-nos surdos a tantas vozes invasivas e dispersivas, para aprendermos a escutar precisamente o que não faz ruído.
4. Disse-nos o Papa há oito dias: “*E se tratássemos a Bíblia como tratamos o telemóvel? Se a levássemos sempre connosco (ou pelo menos um Evangelho de*

bolso), o que aconteceria? Se voltássemos quando a esquecemos, se a abrísssemos várias vezes por dia; se lêssemos as mensagens de Deus contidas na Bíblia como lemos as mensagens no telemóvel, o que aconteceria? Com efeito, se tivéssemos a Palavra de Deus sempre no coração, nenhuma tentação nos afastaria de Deus e nenhum obstáculo poderia desviar-nos do caminho do bem; e seríamos mais capazes de viver uma vida ressuscitada segundo o Espírito”. (Angelus, 05.03.2017). Nesse mesmo sentido, diz-nos o Papa: “A raiz de todos os males é não dar ouvidos à Palavra de Deus, pois quem fecha o coração ao dom de Deus que fala, acaba por fechar o coração ao dom do irmão” (MQ 2017).

5. Irmãos e irmãs: “A comparação entre o uso do Evangelho de bolso e a do telemóvel é paradoxal, mas faz-nos pensar” (Papa Francisco). E não é descabido lembrar aqui que é possível, através do telemóvel, aceder à liturgia da Palavra de cada dia ou rezar de forma orientada. Não faltam aplicações que podem fazer do telemóvel uma ferramenta de oração. Se descarregamos tantos “jogos”, para passar o tempo, por que não deixar Deus entrar por aí, no jogo da nossa vida, através da escuta assídua da sua Palavra? Somos assim desafiados a escutar, a abrir o ouvido do coração à Palavra de Deus, mais atenta e assiduamente, escutando e meditando, por exemplo, as leituras que a Igreja nos propõe, para cada dia. É muito importante, mesmo em família, “escutar a Palavra, para fazer crescer o amor” (AL 29).
6. Sigamos o exemplo da Virgem Maria. Ela soube ouvir a Palavra de Deus, de modo tão perfeito, que pôde dizer: “Eis a serva do Senhor, faça-se em Mim segundo a vossa Palavra” (Lc 1,38). Em Fátima, deixou-nos um “Evangelho breve”, numa mensagem que não nos trouxe novidades, mas que pôs em evidência a urgência de escutar, com toda a atenção, a Palavra de Deus e o convite a fazer tudo o que o seu Filho nos disser. Continuemos, pela escuta da Palavra, “a caminho, com Maria, pelas fontes da alegria”.

HOMILIA NO II DOMINGO DA QUARESMA A 2014

1. **“Vir à fonte. Ir em frente”!** São estes dois movimentos, no coração da fé, que nos propusemos ativar, ao longo desta Quaresma. Tal como o coração humano, nos garante a circulação do sangue, através de dois movimentos, um de contração e outro de dilatação, também nós somos desafiados a revitalizar a nossa vida cristã, vindo à fonte, para ir em frente, recebendo para dar! E o Evangelho deste domingo põe em relevo estes dois movimentos! “Vir à fonte” é o convite inicial de Jesus, quando *“toma consigo Pedro, Tiago e João, e os leva, em particular, a um alto monte”*. “Ir em frente” é o desafio final de Jesus: *“tocando-os, disse-lhes: «Levantai-vos e não temais»”*. Tomemos, agora pulso, a cada um destes dois movimentos.

2. **“Vir à fonte”.** Do deserto de pedras, ao monte de luz. Da tentação à transfiguração. Jesus chama os discípulos à intimidade e ao calor da oração, atrai-os às alturas da contemplação, convida-os a fazer a experiência bela e luminosa, de subir e de estar na presença de Deus! E ali mesmo, na oração, na escuta da voz do Pai, que Se faz ver e ouvir na Palavra e no rosto do Filho, os discípulos tomam um *banho de luz*, que os reveste da beleza de Deus, que os faz reconhecer em cada rosto humano a imagem e semelhança de Deus! Assim é a luz de Deus: energia para o corpo, revigorado; energia para a mente, então iluminada; energia para o coração, fortalecido para o combate. Os discípulos deixam-se permear por aquela luz divina que os invade! E, a partir dela, *“Deus faz brilhar a vida”*, com tudo o que ela tem de cansaço e alegria, de desilusão e sonho, de dor e de esperança! E por isso, Pedro chega a exclamar: como é bom, *«como é belo, estarmos aqui»*, onde o céu encontra a terra, e o tempo alcança a eternidade!

2.1. Queridos irmãos e irmãs: este é, pois, o primeiro movimento: Vir à fonte da oração, na qual experimentamos e vivemos a nossa condição batismal de filhos de Deus. *“Somos chamados a mergulhar no mar da oração, que é o mar do amor de*

Deus, sem limites, para desfrutar da sua ternura” (Papa Francisco, Homília na 4ª feira de Cinzas 2014). Procuremos, nesta semana rezar um pouco mais, rezar, por exemplo, o «Pai-Nosso», respondendo e correspondendo ao amor de Deus, que te diz, que nos aclara e declara: “*tu és o meu filho muito amado*”!

3. “Ir em frente”! É o segundo movimento: «*Levantai-vos e não temais*». Jesus desafia os discípulos a descer ao vale da vida, a irradiar esta luz, que não é nossa, a tornarmo-nos pessoas radiosas, de olhos brilhantes, rostos felizes, que levam aos outros a alegria do evangelho! E toca a fazê-lo, sem medo de sermos rejeitados, sem medo de incomodar ou de ser incomodados, sem medo da cruz, porque Ele vai à nossa frente, Ele precede-nos no amor, Ele “*primeireia-nos*”, como nos diz o Papa, e por isso somos capazes de “*ir à frente, de tomar a iniciativa sem medo, de ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos, para convidar os excluídos*” (E.G.24).

3.1. E, nesta 2ª semana da quaresma, saibamos então oferecer companhia a Deus, na oração prolongada, e companhia aos outros, numa visita mais demorada. Visitemos os sós, os sem-abrigo, os sem-família, os sem-companhia. Como «*peças-cântaro*», levemos-lhes, uma vez mais, a água do batismo, para lavar as suas lágrimas, para “*fazer brilhar neles a vida por meio do evangelho*”, de modo que possamos dizer, ou ouvi-los dizer: «*que bom é estarmos aqui*».

Com gestos assim, o rosto (o nosso e o dos outros) ficará resplandecente como o sol e até a veste do nosso batismo tornar-se-á branca como a luz!

Homilia no II Domingo da Quaresma A 2011

1. No caminho árduo da Cruz, a meio de uma longa e penosa peregrinação, rumo a Jerusalém, Cristo faz uma pausa, para conduzir os seus mais íntimos discípulos ao repouso, à experiência luminosa e gratificante da oração, à visão maravilhosa da futura glória. Leva-os a descansar, como o Bom Pastor, que procura para os seus o dom da paz, daquela paz, que penetra a alma, não raro agitada pela azáfama da vida ou pelos atropelos das obrigações quotidianas. Eles são convidados a lançar um olhar regenerado sobre as maravilhas da natureza, deixando-se envolver por aquela estupenda e misteriosa harmonia. Jesus leva-os «*em particular*», para uma relação de intimidade, de amizade, de proximidade, que os ilumine e fortaleça, para se levantarem, logo de seguida, e de novo, com forças redobradas. E os três acompanharão Jesus, desde a sua Transfiguração, no Monte Tabor, até à sua desfiguração, na agonia, no Monte das Oliveiras.

2. E precisava Jesus de subir a tão alto monte? Não bastaria levantar os olhos para os montes, para encontrar o «*auxílio do Senhor, que fez o Céu e a Terra*» (Sal.121)?! Porquê esta atração irresistível de Jesus, pelos montes? Pensemos nos diversos montes da vida de Jesus, como se fossem um só: antes do monte de transfiguração, houve o monte da tentação, o monte do grande sermão, o monte das curas e da multiplicação. E depois do monte da transfiguração, haverá ainda o monte da agonia, o monte da crucifixão, e finalmente o monte da ascensão e do envio em missão. Que valor e segredo têm os montes, para que os evangelhos insistam tanto neles, como lugares de revelação?

3. Na Sagrada Escritura, aparece, naturalmente, o monte como lugar de particular proximidade com Deus; uma espécie de santuário natural, lugar da subida, não apenas da subida exterior, mas também do esforço interior; o monte, visto como um desafio a libertar-se do peso da vida diária, a respirar o ar puro da criação, em toda a sua vastidão e beleza. O monte facilita a elevação interior e permite intuir o Criador. Por isso, no monte, «a nuvem» sagrada de Deus cobre os discípulos com a sua sombra. E não é mais precisa a «tenda» do abrigo, porque essa tenda sagrada é o próprio Jesus, sobre o qual está a nuvem da presença de Deus, e a partir da qual a mesma cobre com a sua sombra também os outros! No monte, no diálogo de Jesus transfigurado com a Lei e os Profetas, os discípulos aprendem que o próprio Jesus é a Palavra inteira de Deus. No monte experimentam o abrigo de Deus, a sua protecção divina! Ali podem falar com Deus, «*como um amigo fala ao seu amigo*» (Ex.33,1) e aí hão-de ver «o rosto iluminado de Jesus», não com uma luz que vem de fora, mas com a luz que

resplandece a partir do seu interior, porque Ele mesmo é a Luz da Luz. O monte da Transfiguração é, por fim, o lugar da revelação de Jesus, como «o Filho de Deus»!

4. Somos assim, nesta semana, conduzidos, como os apóstolos Pedro, Tiago e João, «*em particular, a um alto monte*» (Mt 17, 1), para pousar e repousar os olhos em Cristo, para acolher de novo, em Cristo, como filhos no Filho, o dom da graça de Deus: «*Este é o Meu Filho muito amado: n'Ele pus todo o Meu enlevo. Escutai-O*» (Mt.17,5). Por este evangelho, recordamos também a experiência luminosa do nosso Batismo: através do Batismo, tornamo-nos filhos de Deus! Pelo Batismo, somos revestidos, como Jesus e com Jesus, de luz e tornamo-nos luz no Senhor! Todavia, este tornar-se «luz» em virtude do Senhor e com Ele, exige «*sofrer com Ele*» (II Tim.1,8b) sermos queimados pela «luz» ardente da Paixão.

5. Esta semana, e especialmente neste dia do Senhor, que é por excelência, o «dia de repouso», «*subamos ao monte de Deus e entremos no abrigo da sua tenda*» para alcançarmos a «medida alta» da santidade, aquela “transparência luminosa” que resplandece de uma vida nova e renovada!

Pela nossa debilidade, todos sabemos como é difícil guardarmos silêncio, para nos colocarmos diante de Deus e adquirirmos a consciência da nossa condição de criaturas. Por isso, na Quaresma, somos convidados a uma oração mais fiel e intensa.

Eis então o particular convite desta semana: «*distanciar-se dos boatos da vida quotidiana, para se imergir na presença de Deus*» (Bento XVI, Mensagem para a Quaresma, 2011). Teremos oportunidade de o fazer, rezando juntos e adorando a presença do Senhor, na Tenda do encontro. Podemos fazê-lo, todos os dias, e em casa, meditando o salmo 121 (120).

O chapéu de peregrino, que juntamos ao cajado, vem recordar-nos que não há tenda que nos proteja «do sol durante o dia e da lua durante a noite», senão a providência do Pai, que nos ama e vela pela nossa vida. Este chapéu, que é uma espécie de «solidéu», far-te-á dizer e sentir, de noite e de dia: «*O Senhor é o meu abrigo!*» (Sal.121,5). Só n'Ele descansa a minha alma!

HOMILIA NA FESTA DO PAI-NOSSO A 2011

1. Ouvimos o relato da «*transfiguração de Jesus*». Ele fala-nos de um encontro muito especial, muito próximo, de Jesus com os seus amigos, mais íntimos. Jesus chamou-os a um monte muito alto, em particular, para rezar. E enquanto rezava, o seu rosto ficou resplandecente como o sol. As suas vestes tornaram-se brancas como a luz! Os discípulos puderam ver a outra face, a face oculta de Jesus: ele era o crucificado e o ressuscitado, Ele era o Servo e o Filho de Deus!
2. Jesus reza. Rezar é para Jesus como respirar. Era importante para Jesus, estar junto do Pai, cumprir a sua vontade. Mostrar-lhe o seu amor. E Jesus fazia-o, rezando. Em casa, fora de casa, no Templo, no monte, de manhã, à noite. Sozinho, acompanhado.
3. E os seus amigos mais íntimos não podiam deixar de rezar com Ele. Estes três, Pedro, Tiago e João, estarão com Jesus também na agonia, no monte das oliveiras. Estão com Jesus, nos momentos belos e nos momentos difíceis. Rezar é assim uma forma de estar com Jesus, de entrar na sua luz, de escutar a sua Palavra.
4. Neste acontecimento da Transfiguração, eles ouvem uma voz, que diz: “Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O”. É a voz do Pai. Aqui Jesus é declarado, com toda a autoridade, «*o Filho de Deus*». Neste Filho amado do Pai, também nós nos tornamos “filhos de Deus”. A Transfiguração anuncia que cada um de nós é amado e chamado «Filho de Deus». Pelo Batismo, somos revestidos, como Jesus e com Jesus, de luz e tornamo-nos luz no Senhor! Pelo Batismo, também nós fomos revestidos destas vestes brancas, porque nos tornamos, em Jesus, por Jesus e com Jesus, filhos de Deus! Esta brancura e esta luz, sugerem-nos o próprio Batismo.
5. Também a nós, também a ti, Deus diz: «tu és o meu filho muito amado». E a quem nos diz «tu és o meu filho muito amado» nós só podemos dizer: «E Tu és o nosso pai muito querido». Foi assim que Jesus nos ensinou a rezar, dizendo «Pai-Nosso, que estais nos céus», como quem se sente filho, amado e querido pelo Pai.
6. Vamos receber o Pai-Nosso, neste dia do Pai. Para o rezarmos todos os dias, com Jesus e como Jesus, nos ensinou. Cada vez que o fizermos, renovamos a frescura do nosso Batismo. E descobrimos a beleza de sermos seus filhos!

Homilia no II Domingo da Quaresma A 2008

“Levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou-Se diante deles”!

1. E precisava Jesus de subir a tão alto monte? Não bastaria levantar os olhos para os montes, para encontrar o auxílio do Senhor, que fez o Céu e a Terra?! Porquê esta atração irresistível de Jesus pelos montes? De facto, os montes são parte fundamental da geografia pessoal e pastoral de Jesus, que bem podia dizer como Pascoaes: *«sem estes ermos montes e arvoredos, eu não era o que sou»*. Pensemos nos diversos montes da vida de Jesus, como se fossem um só: antes do monte de transfiguração, houve o monte da tentação, o monte do grande sermão, o monte das curas e do pão. E depois do monte da transfiguração, haverá ainda o monte da agonia, o monte da crucifixão, e finalmente o monte da ascensão e do envio em missão. Que valor e segredo têm os montes, para que os evangelhos insistam tanto neles, como lugares de revelação?

1.1. Na Sagrada Escritura, aparece, naturalmente, o monte como lugar de particular proximidade com Deus; uma espécie de santuário natural, lugar da subida, não apenas da subida exterior, mas também do esforço interior; o monte, como um desafio a libertar-se do peso da vida diária, a respirar o ar puro da criação, em toda a sua vastidão e beleza. O monte facilita a elevação interior e permite intuir o Criador.

1.2. Mas, esta subida de Jesus ao monte, parece situar-nos não apenas num horizonte natural, mas no fio condutor da história do Povo de Deus, como se Jesus cumprisse, em pleno, todos os sacrifícios, todas as esperanças e profecias, realizados nos montes. Delineiam-se aqui o monte Moriá, onde Abraão foi posto à prova, com o sacrifício de Isaac; o Monte Sinai, lugar da lei e da aliança de Moisés; o Monte Carmelo e o Monte Horeb, lugares de luta e opção, de abrigo e de refúgio do profeta Elias. Numa palavra, os montes do Antigo Testamento são todos eles, ao mesmo tempo, montes da paixão e da revelação e todos eles remetem ainda para o grande monte Sião, o Monte do Templo do Senhor, escolhido por David, para nele colocar a Arca da aliança. O monte da Transfiguração não é excepção: é lugar do anúncio da cruz e da paixão, da glória e da ressurreição; lugar da revelação de Jesus, como Filho de Deus!

2. Mas, em Jesus Cristo, o monte perde, por assim dizer, o seu carácter sagrado. Pois Jesus é que é a verdadeira “montanha”, o verdadeiro rochedo: é Ele o único lugar do encontro dos seres humanos com Deus. É

preciso subir por Ele, para chegar ao Pai; é preciso descer por Ele, para chegar aos irmãos. Os verdadeiros adoradores do Pai, não o adoram mais neste ou naquele monte, em Garizim ou em Sião, mas adoram-no em espírito e em verdade.

3. De modo quase espontâneo, a nossa reflexão leva-nos a apreciar e valorizar, naturalmente, os montes. Eles não são uma inutilidade, um capricho ou um desperdício da Criação, que importa abater, aplanar ou preencher a todo o custo. Os montes não são essa terra de ninguém, lugar do lixo e da destruição. O respeito pelos “montes”, pela sua limpeza, pela sua vegetação, pela sua caça, é fundamental para o equilíbrio ecológico, para o equilíbrio da cadeia alimentar e para essa atividade, tão salutar como aliciante, que é o montanhismo, pelo que tem de aventura, desporto e libertação, e pelo que exige de disciplina mental, renúncia e autodomínio.

4. Mas esta semana, “subir ao monte” não é necessariamente uma simples atividade física. É sobretudo um “exercício espiritual” de “deixar a terra rasa” de todos os dias, para subir, até às alturas de Deus. A «subida à montanha» há-de fazer-se, tendo em vista a meta branca da santidade, a “transparência luminosa” de uma vida nova da ressurreição. E essa sim, “é uma estrada muitas vezes estreita e a subir, mas, se uma pessoa se deixar atrair por Jesus, é um caminho sempre esplêndido, como um carreiro de montanha: quando mais se sobe, mais se pode admirar do alto novas paisagens, mais bonitas e mais extensas” (Bento XVI)! Subimos até Deus, para descer até junto dos irmãos.

5. De facto, meus caros irmãos, Deus tanto nos fala, na montanha como na planície, mas só quando realmente a nossa alma se eleva, é que se torna capaz de escutar e distinguir os sons divinos. Por isso, o sentido a activar nesta semana é o do ouvido. “Escutai-O”, era o convite mais radical, que se fazia ouvir no monte da transfiguração. Para isso, desafiemo-vos a viver um dia da semana, sem ruído: pode ser uma noite sem TV, um dia sem telemóvel, um dia sem música no automóvel. Fazei de conta que o vosso quarto é essa alta montanha, onde não há rede, a não ser para a comunicação com o Altíssimo. E deixai que o Senhor vos fale, até romper os vossos ouvidos!...

A montanha

Eu vou seguir uma luz lá no alto
Eu vou ouvir uma voz que me chama
Eu vou subir a montanha e ficar
Bem mais perto de Deus e rezar
Eu vou gritar para o mundo me ouvir e acompanhar
Toda a minha escalada e ajudar
A mostrar como é
O meu grito de amor e de fé

Eu vou pedir que as estrelas não parem de brilhar
E as crianças não deixem de sorrir
E que os homens jamais
Se esqueçam de agradecer

Por isso eu digo:
Obrigado, Senhor, por mais um dia
Obrigado, Senhor, que eu posso ver
Que seria de mim
Sem a fé que eu tenho em Você?

Por mais que eu sofra
Obrigado, Senhor, mesmo que eu chore
Obrigado, Senhor, por eu saber
Que tudo isso me mostra
O caminho que leva a Você

Mais uma vez
Obrigado, Senhor, por outro dia
Obrigado, Senhor, que o sol nasceu
Obrigado, Senhor
Agradeço, obrigado, Senhor

Por isso eu digo
Obrigado, Senhor, pelas estrelas
Obrigado, Senhor, pelo sorriso
Obrigado, Senhor
Agradeço, obrigado, Senhor

Mais uma vez
Obrigado, Senhor, por um novo dia

Obrigado, Senhor, pela esperança
Obrigado, Senhor
Agradeço, obrigado, Senhor

Por isso eu digo
Obrigado, Senhor, pelo sorriso
Obrigado, senhor, pelo perdão
Obrigado, Senhor
Agradeço, obrigado, Senhor

Mais uma vez
Obrigado, senhor, pela natureza
Obrigado, Senhor, por tudo isso
Obrigado, Senhor
Agradeço, obrigado, Senhor

1. *Um dia de luz*, esse de 13 de Fevereiro, que acordou o País barulhento, para o silêncio humilde de uma vida! A *Irmã Lúcia*, partiu, sem obra feita, despidida de qualquer título de glória, sem tempos de antena, sem palcos iluminados. Nem do altar de Fátima alguma vez a pobre irmã se serviu, para fazer valer o que sabia ou para nos obrigar a acreditar no que vira. No *Carmelo de Coimbra*, dia a dia, simplesmente *a rezar e a trabalhar*, na boa disposição de uma vida simples, fiel e sempre obediente à Igreja, a Irmã Lúcia apagou-se diante do mundo, aos 97 anos. Mas o país e o mundo deram-se conta, de uma *Luz terna, suave*, a iluminar-lhe os olhos do coração *no meio da noite* e a *levá-la mais longe!* Ao morrer, esta luz ganhou ainda maior fulgor! E tanto mais se expandia e se propagava esta Luz, quanto mais a simplicidade da sua fé e da sua vida falavam ao coração dividido dos portugueses! A vidente de Fátima, *Lúcia, e lúcida*, até ao fim, cumpriu simplesmente a missão já inscrita no seu nome: *Lúcia*, a de ser testemunha de uma Luz (cf.Jo.1,6), que um dia a abraçou como um fogo, mas que nunca a cegou, com o brilho da fama ou do proveito! Ela foi *candeia* da luz divina, sem nunca pretender ser *estrela adorada!* Sem as luzes da ribalta, sem os holofotes dos estúdios, sem ser, nem querer ser vedeta, tornou-se um símbolo nacional! Partiu sem dar nas vistas e deixou-nos um rasto de luz!

[2. Lúcia descreve-nos, nas suas Memórias, as aparições, como uma experiência de luz, quando vê a «*Senhora, mais brilhante que o sol*». E, conta, a respeito do Francisco que: «*aquilo que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois dizia: «Nós estávamos a arder, naquela Luz que é Deus e não nos queimávamos»*. Já na primeira aparição, a graça de Deus é revelada aos Pastorinhos sob a forma de «*uma luz tão intensa, que, penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, nos fazia ver a nós mesmos em Deus que era essa Luz*». Assim, ao descrever as aparições, a vidente não nos oferece a evidência de uma imagem, mas alguns *traços de luz*, que dominam a imaginação do nosso olhar e penetram na visão mais íntima do coração! É uma revelação, pela qual a mensagem entra, não só pelos ouvidos, mas pela visão interior, pelo olhar puro do coração, capaz de ver a Deus (Mt.5,8)! «*Como é Deus, não se pode dizer! Isto sim que a gente nunca pode dizer*» exclamava o pequeno Francisco, envolto nessa luz imensa da Santíssima Trindade].

3. É uma feliz coincidência recordar a luminosidade de Lúcia e a *experiência de luz* dos Pastorzinhos, neste dia 20, que lhes é consagrado pelo calendário litúrgico, cruzando esta experiência com a de *Pedro, Tiago e João*, a quando da Transfiguração do Senhor. Eles partilham com Jesus uma experiência, que “*é, por excelência, mistério de Luz*” (RVM 21). De facto, diz o evangelho, “*Jesus transfigurou-se diante deles: o seu rosto resplandeceu como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz*”. A glória da divindade reluz no rosto de Cristo. A sua Cruz é feita de Luz! E, face àquela experiência tão cheia de luz, Pedro não resiste, a sugerir *ficar ali para sempre*. «*Façamos três tendas*»! Lembra-nos, nesta intenção, o pedido expresso pelos discípulos de Emaús: «*Fica, connosco, porque se faz tarde*» (Lc.24,29)!

4. Caríssimos irmãos: Talvez algum de nós, possa sentir, por estas palavras, o desconsolo, de não ter acesso ao *mistério desta Luz divina*. Mas Lúcia deixou-nos indicado, na luz da sua vida, o que já sabíamos do Evangelho e da vida da Igreja: o lugar por excelência da aparição do Senhor, e da sua manifestação como Luz do Mundo é a *Eucaristia*! [A *Eucaristia é um mistério de Luz*! (RVM 21; MND 11-14) É verdade que, na Eucaristia, a glória de Jesus está velada, escondida sob as espécies do pão e do vinho. Mas é, porque se esconde a nossos olhos (o «*Jesus escondido*», no dizer de Francisco), que Jesus, na Eucaristia, se torna *mistério de luz*. Graças à Eucaristia, cada um de nós é introduzido na *tenda ou na nuvem* da intimidade com Cristo, para *penetrar nas profundezas da vida divina* (M.N.D. 11). Como assim? **Escutando a Palavra**, deixando-a arder *dentro do coração*... Como assim? Reconhecendo Jesus nos sinais, do pão e do partir do pão... Esses sinais falam. Estes gestos contêm uma *luminosa mensagem*. É através deles que o mistério se desvenda aos nossos olhos... «*Reconheceram-n’O ao partir o Pão*» (Lc.24,35).]

5. Lúcia viu o que viu! Ouviu o que ouviu. E a graça que recebeu em nosso favor, nem por isso a dispensou de rezar sempre, de se converter todos os dias e de se alimentar da Eucaristia! A luminosidade do testemunho de Lúcia confirma que a história de um povo se pode construir e mudar, não apenas por um voto ou pela mão hábil dos poderosos. Nós temos na oração uma arma, na conversão um segredo e na Eucaristia uma luz, capazes de transfigurar o rosto do homem e até mesmo de mudar a face do mundo!

Homilia no II Domingo da Quaresma A 2002

1. *“Transfigurou-Se diante deles: o seu rosto ficou resplandecente como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz”.*

Jesus projeta antecipadamente, no coração dos discípulos, a visão gloriosa do seu corpo ressuscitado. Diríamos que, por um momento, Pedro, Tiago, João, contemplam a maravilha de uma carne divinizada, o encanto de um rosto que transparece o esplendor da vida eterna, que reflete toda a luz da glória de Deus. O Corpo recebido, tornar-se-á, em breve um Corpo dado. E, pela sua morte, um corpo transfigurado!

É, de facto, no seu «Corpo dado» que Jesus se entrega e realiza a sua missão. Jesus, na sua vida mortal, não tem outra forma de se dar, de se comunicar, de revelar o rosto de Deus, que não seja, por meio daquele mesmo Corpo, que recebera, ao vir a este mundo (Heb.10,11; cf. Sal.30,7-9). E foi pela oferta deste Corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre, que fomos realmente salvos e de graça (cf. Heb.10,10).

2. Esta experiência do **corpo** transfigurado de Jesus, não deixa de nos recordar o grande momento do nosso **Batismo**... Também nós então fomos lavados e justificados (I Cor.6,11), purificados e regenerados (I Pe.1,3.22) iluminados e revestidos (Gal.3,27) de Cristo. Também nós fomos «eleitos e amados», pelo Pai, declarados e chamados filhos seus. Desde então, o nosso corpo, que trazia a marca humana do limite e do pecado, foi transfigurado pelo poder da graça divina.

Nesse sentido, adverte-nos São Paulo: *«não sabeis que o vosso corpo é Templo do Espírito Santo, que está em vós, que recebestes de Deus e que portanto, não vos pertenceis»* (I Cor.6,19).

3. Caríssimos irmãos: Recebemos um corpo, pelo qual o dom da Vida e da vida de Deus, chega até nós, se exprime e se transmite. O nosso corpo não é, por isso, um amontoado de carne e osso, nem um mero reservatório de algumas necessidades e sensações. Há, neste corpo que somos e temos, uma beleza secreta, maravilhosa, inesgotável. Somos habitados por Deus. Levamos em nós o tesouro da vida eterna.

4. Se recebemos, de graça, este corpo, então que fazer dele? E a resposta é simples: dar gratuita, livre e amorosamente o corpo ao manifesto. Quer dizer:

1. Manifestar Deus, resplandecer a grandeza, a beleza e o amor gratuito e livre do nosso Criador... «glorificando a Deus», no dom do nosso corpo... O nosso corpo tem – diríamos – uma vocação espiritual, uma natureza divina. Ele é, como que o nosso primeiro evangelho, pois o primeiro testemunho da presença divina em nós deve passar através da expressão do nosso rosto, através da nossa abertura aos outros, através do nosso sorriso... através do dom de nós mesmos. Este Deus que nos habita, que se vasa e guarda em nosso corpo como um tesouro em vasos de argila, também transvasa pelos poros e pelo suor do nosso rosto, pela ternura do nosso olhar, pela largueza dos nossos braços e mãos, pela espessura dos nossos gestos, no esforço humilde e diário de entrega generosa aos outros.

2. Neste sentido, e neste tempo de Quaresma, é preciso não excluir o “corpo” de todo o processo de conversão, de mudança, de transfiguração, afinal. Não podemos fazer de conta que a salvação se destina apenas a uma parte de nós, a que chamamos «alma» fazendo da vida do nosso corpo um assunto à parte, um “tabu”, que não consideramos já, nem sequer na «Confissão». É parte integrante do nosso crescimento espiritual e obra de grande fôlego o domínio do corpo... o domínio de si... que se ordena ao dom de si mesmo. Pois é na medida deste «dom de si», na medida da oblação do seu corpo, que o Homem se realiza inteiramente, de corpo e alma.

5. Também nesta perspectiva se situa o **jejum quaresmal**. É renúncia de si mesmo e dos excessos da carne, em favor do próximo. É domínio de si, das inclinações e impulsos egoístas, para serviço e atenção do outro. É esvaziamento de si mesmo, do estômago e do olhar, para dar lugar aos apelos e aos sinais escondidos de Deus, no íntimo do coração. Foi por aí que Cristo começou a sua Quaresma. E, por aí, chegou, à transfiguração do seu rosto... Não há de ser diferente o nosso caminho. Se quisermos dar o corpo ao manifesto!

HOMILIA NO II DOMINGO DA QUARESMA 1999 A

1. Surdo à voz do Amor, Adão, o homem velho, fugiu de casa. Era o primeiro filho pródigo da História a reclamar a herança e a partir para muito longe, para a terra estranha do pecado, para o reino da dispersão. [Era assim que meditávamos no passado Domingo!] Mas o Pai deseja o regresso do filho e faz, de novo, ouvir a sua voz. Desta feita, chama um velho homem, Abrão. Chama-o a partir, a regressar da terra querida dos seus desejos, para a pátria escolhida do Amor do Pai. Chama-o a deixar a sua família, para se tornar pai de uma vasta nação. Chama-o do abrigo seguro da casa de que era filho, para se tornar o pai de uma descendência abençoada... Se não partir, Abrão fica só, atado ao seu comodismo, paralisado na sua velhice, morto na sua solidão. Ao escutar a voz que o chama a deixar, ele pode sair de si, para se encontrar com o Pai, para se perder e achar na pátria do Seu amor. E, sem atender ao êxito da sua carreira, Abrão deixa-se seduzir pela voz que o chama. *«Ele partiu como o Senhor lhe ordenara»!* Como se todas as vozes que até então lhe soaram "mostra o que vales, diz-me o que tens" se enterrassem na areia... Ele escutava uma voz. A verdadeira voz do Amor, uma voz muito suave que lhe fala dos pontos mais recônditos do seu ser. Não é uma voz ruidosa, que se imponha e exija atenção. É uma voz que só pode ser escutada por aqueles que se deixam tocar pelo seu amor.

2. A voz do Pai que se faz ouvir no deserto e na montanha, na solidão e na companhia, é a mesma que fala nas Escrituras, por meio de Moisés e de Elias. *«Pelas Sagradas Escrituras, o Pai que está nos Céus vem amorosamente ao encontro dos seus Filhos, a conversar com eles»* (DV 21). A voz do Pai fala, de modo único, a seu Filho e fala com júbilo de seu Filho Único. *«Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O»*. E, por meio de seu Filho, esta voz fala ao íntimo de cada um de nós. Como se, em Jesus, fosse dito a cada um de nós: *«o Pai ama-Vos»* (Jo.16,27). «Escutando essa voz com grande atenção interior, cada um de nós ouve no íntimo de si mesmo dizer o seguinte: «Chamei-te pelo nome, desde o princípio. Tu és meu e eu sou teu. Tu és o meu amado, em quem ponho a minha complacência. Moldei-te nas entranhas da terra e teci-te no seio da tua mãe. Esculpi-te nas palmas das minhas mãos e abriguei-te na sombra do meu abraço. Olho para ti com ternura infinita e preocupo-me contigo com uma atenção mais íntima que a da mãe para com o seu filho. Conteí todos os cabelos da tua cabeça e guiei-te em todos os teus passos. Para onde quer que

vás, eu vou contigo, e onde quer que descanses, eu fico a vigiar. Dar-te-ei um alimento que satisfará todas as tuas fomes e uma bebida que apagará todas as tuas sedes. Não esconderei de ti a minha face. Tu conheces-me como a ti mesmo e eu conheço-te como a Mim mesmo. Tu pertences-me. Onde quer que estejas, aí estou eu. Nada nos separará jamais. Nós somos um» (...)

3. Sempre que escutares com atenção a voz que te chama "amado", descobrirás no mais íntimo de ti o desejo de tornar a ouvir essa voz, ainda por mais tempo e com maior profundidade» (HENRI NOUWEN, *Viver é ser amado*, 30-31). E, do teu íntimo, brotará uma vontade nova e firme, como se à voz que te diz «*tu és o meu Filho, muito amado*», respondesses como o Filho pródigo: «*sim, levantar-me-ei e irei ter com Meu Pai*». Levantar-me-ei: Deixarei comodidades, seguranças e hábitos do presente. Levantar-me-ei: largarei vícios, apegos e pecados do passado. E, levantado do chão, irei ter com meu Pai. Não é outro afinal o desafio deixado hoje por Jesus: «*Levantai-vos e não temais*». «O Pai ama-Vos»!...

MISSA COM A CATEQUESE
II Domingo da Quaresma 1999
Tópicos da Homilia

1. A Quaresma é «um caminho para a Páscoa». Neste caminho, alguns sinais podem ajudar-nos. No passado Domingo, éramos convidados a ir para o deserto! Uma espécie de «STOP», de «pára, escuta, olha». Para escolher a direção certa do caminho...

2. Escolhido o Caminho, há que então:

2.1. **Sair, partir, deixar...** (Abrão foi convidado: «deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu Pai e vai para a Terra que eu te indicar. Abrão partiu, como o Senhor lhe ordenara»). Se temos medo de arriscar, e ficamos cá em baixo, não teremos então a sorte de encontrar nada de novo. Mas se partirmos, arriscando o incerto, podemos encontrar o futuro. É como se arrancássemos depois do «stop».

2.2. **Subir, elevar-se.** O caminho que nos leva mais longe é sempre o mais difícil. É preciso «subir». Sair do fundo, elevar-se. Se não fazemos o esforço de ir mais alto, mais longe... não chegamos a «ver» nada de novo. (Jesus subiu com os discípulos, para os ajudar a ver, a partir do alto, a partir de cima).

No alto, respira-se ar puro! Do alto vê-se melhor. No alto, até parecemos «outros», mais refrescados... Os discípulos, no alto, viram Jesus «*com outros olhos*» e perceberam que, no fim do seu caminho difícil, esperava-os uma Luz e uma Vida Nova. É uma paragem breve, apenas para «arranjar energias»... «para se abastecer»... para logo depois «avançar». Por isso é:

2.3. **Proibido estacionar.** Um sinal, no alto do monte: Não se pode «ficar parado». Não se pode "ficar" no mesmo sítio. Há que caminhar. **Levantar-se...** A palavra última de Jesus é «levantai-vos». Erguer-se do chão, partir de novo.

3. É isto que a Palavra de Deus, hoje, nos recorda e nos pede.

3.1. Sermos capazes de nos «levantarmos» do chão, de fazer caminho... largar os vícios, de mudar o passado.

3.2. Mas também de «subirmos», fazermos o esforço de mudar, encontrando na **Palavra de Deus, na Oração, no encontro com Jesus**, a força do caminhar. Está aí a nossa **energia**.

3.3. Levantar-se sempre; não se deixar ficar «caído»... Jesus sempre nos deita a mão e nos conduz para o Pai. Em cada queda, há sempre uma palavra de amor: **«tu és o meu filho muito amado»**. Levanta-te e anda!

E nós, ao convite desta voz, dizemos como o Filho pródigo: «sim, levantar-me-ei e irei

Homilia no II Domingo da Quaresma A 1996

1. Avançar pela fé...

Deixou tudo e partiu do zero! Assinou um cheque em branco... Que Deus escrevesse nele o que quisesse. Abraão deixou a família, a terra, o passado e o presente. A troco de uma Promessa, ele partiu. Sem seguro de vida nem contrato de trabalho. Apenas fiado na Palavra da Promessa. E avançou guiado pela fé. Pela fé somente. Nenhum sinal, nenhuma recompensa, nenhuma garantia. Apenas a fé. Sem suportes sensíveis, sem consolações humanas, sem nada em troca que se pudesse ver, Abraão avançou apoiado na fé. Na fé pura e simples, indiferente ao que Deus pudesse dar ou tirar, pedir ou fazer. Foi Abraão pelo deserto fora, como quem caminha no meio da noite, sob o olhar de Deus, na penumbra da fé. Sem ver nada claro, sem perguntas e sem respostas. Era a sua fé simplesmente... essa pequena centelha de luz a fazê-lo avançar pela noite escura, mirando apenas o passo seguinte. Nada de certezas adquiridas, promessas cumpridas, recompensas oferecidas. Apenas a fé no meio da noite escura! A luz da fé a iluminar a noite sem a eliminar!

2. Sem mais nada em que nos apoiarmos...

Nós julgamos a fé ao contrário. Queremos uma fé de respostas sabidas, certezas claras e seguro garantido. Para avançar pedimos sinais. Não arriscamos o caminho sem ver claro o horizonte para onde nos chamam. Até julgamos mais pura a fé que nos dá acesso ao sucesso, a fé que nos consola na desgraça ou nos engana a dor.

Mas não é assim a fé. Não é um seguro mas um risco, não uma certeza mas uma promessa, não uma garantia mas uma entrega. Quanto mais nos parecer que Deus nada nos diz, nada nos mostra, nada nos prova, apesar da nossa fé, então, sim, estamos a crescer na fé. Porque mais o Senhor nos pede para avançar, para crer para confiar. Trata-se, na fé, de caminhar às escuras, não agarrado às coisas que se entende e gosta e sente, mas apoiados apenas na fé. A fé purifica-se e cresce na noite. Ela vai-se despojando de todas as consolações, de todos os sinais, de todas as sensações, para buscar Deus nesse vazio. Porque não é quando tudo está claro que vemos bem. Não é a certeza meridiana que nos transporta a verdade. Há o nada: o nada sentir, o nada ver,

o nada ouvir, o nada ter, o nada ser... que nos desinstala, nos abre à procura, nos coloca vigilantes e sequiosos da aurora. É nessa nuvem que Deus desce. É por essa montanha que Deus passa. E aí que nos transfigura.

3. Agarrados à fé justa...

Com efeito, a fé cristã não é luz que cega. É a lâmpada que permite avançar. Em numerosas horas do nosso caminhar sentir-nos-emos muito próximos da noite escura. Será então necessário lembrarmo-nos de que na noite é que é belo acreditar na luz. Agarrar-nos-emos então à fé justa: Deus não pode enganar-se nem enganar-nos.

No meio da noite escura, à sombra da Cruz, resplandeça a Luz de Cristo Ressuscitado. Ele nos fará caminhar longe da diversão deste mundo, como se víssemos o Invisível. Ele nos dirá de novo: *«Levantai-vos e não temais»!* E nós iremos pela fé. *«Se me envolve a noite escura e caminho sobre abismos de amargura, nada temo, porque a Luz está comigo»!* (S. João da Cruz)

Homilia no II Domingo da Quaresma A 1993

1. “E Abraão partiu”! (Gen. 12,4)

Tinha idade bastante, uma terra, uma casa, uma família e uma história. Quanto baste para se fixar, instalado, à espera dos dias sempre iguais. Tratava a Terra por “tu”, tão filho dela, como o rebanho e as tendas. Um nome bem grande, à sua medida: Abraão! Alguém lhe vigiava os passos e lhe conhecia a grandeza. O Senhor queria meter-se no seu caminho para rasgar novas esperanças no Caminho dos Homens. Chamou Abraão. Para deixar e partir, para trocar o seguro pelo incerto, para deixar a terra das certezas e partir para a Terra da Promessa. Em troca, apenas uma bênção. Diante dele um projeto. E a única garantia o seu Autor: Deus. E Abraão partiu! E partiu como se visse o invisível. Atrás dele nasce um Povo de peregrinos em busca de uma Pátria.

Abraão é uma multidão à procura! Desfeito de todas as seguranças, partiu para uma travessia interminável. Um passo apenas e começou a grande História da Humanidade. Uma história de diálogo, onde a única certeza é um Caminho a percorrer e a única esperança é Deus. Homens assim mostram que andam à procura de uma Pátria melhor. Souberam-se estrangeiros e peregrinos na Terra. (cf. Heb. 11, 16).

Na sua fé, Abraão abriu o longo caminho da Humanidade em busca do Absoluto, à procura de uma Luz, que emite raios de esperança, a quantos acreditam nele como companheiro da nossa Viagem!

2. “Jesus conduziu-nos em particular, a um alto monte”! (Mt. 17, 1)

O Caminho de Abraão conduzia a Cristo. Pela sua fé “Abraão viu Jesus e saudou-O de longe” (Heb. 11, 13)! É este Cristo que torna visível a companhia de Deus e trilha connosco o caminho da fé. Caminho para a glória. Caminho para a Pátria da Luz. Mas Caminho feito por entre duras lutas e sinuosas esperanças. Jesus começa o seu caminho para a Páscoa. Ia para Jerusalém. Espreitava-o a glória da Ressurreição. Mas erguia-se bem alta a Cruz! O Mestre anunciara aos discípulos o sofrimento, a recusa e a dor. E Eles nem queriam acreditar. Não podia ser! Messias passar pela Cruz e pela morte!

Por isso, Jesus, um dia, faz uma paragem no Caminho. Sobe com os mais íntimos a um alto monte, para os aproximar bem de Deus. Só do alto se vê bem a Vida toda. Ali Jesus transfigurou-se. Não sei como! Jesus ofereceu aos discípulos uma visão antecipada do fim. Animou-os na luta mostrando-lhes a vitória. Fundou-lhes a fé

abrindo-lhes o véu do futuro. Esse era o fim. O fim é a glória. Moisés e Elias, são a Lei e os profetas, no fundo todo o antigo Testamento, toda a história da salvação, toda a Promessa, toda a Palavra, que em Cristo se cumpriam.

Extasiado, Pedro queria ficar no alto do monte. Não sabia o que estava a dizer! Ele imaginava uma Glória sem Cruz! Tudo fácil!

Da nuvem que os envolvia, apenas a certeza de estarem diante do Filho, a Palavra do Pai, que deviam escutar.

Apenas a Palavra como companheira do Caminho. Era preciso deixar o monte e desapegar-se. Baixar ao vale e aí mergulhar nas dificuldades reais da nossa Vida.

3. “Levantai-Vos e não temais”! (Mt. 17, 7)

Caminhamos com Cristo para a Páscoa. Que bom é estarmos aqui! Temos a graça de conhecer a glória que nos espera, a luz que nos envolverá plenamente. Mas a Vida e a imortalidade brilham por meio do Evangelho. Ele compromete-nos a sério. E não sem dor nem sofrimento.

Nesta esperança da Pátria da Luz caminemos! “De joelhos diante de Deus. De pé diante dos Homens”! (D. António Ferreira Gomes) Levantai-Vos e não temais!